

Idéias em debate

Lefèvre, o médico, o homem

O médico brasileiro que fundou uma especialidade, a Neuropediatria, foi também o intelectual brasileiro da "geração Clima", o líder respeitado da classe médica, o humanista lúcido e realista. O perfil deste homem completo que foi Antônio Branco Lefèvre, traçado por seu filho, Antônio Silvio.

ANTÔNIO SILVIO LEFÈVRE

"Em minha biblioteca há uma prateleira vazia, sem livros. E com ela que escrevo meus trabalhos", respondeu o prof. Pedro de Alcântara, em sua defesa de tese, a um examinador que o censurou pela não citação de um determinado autor, julgado importante.

Foi com a lembrança desta resposta "atrevida" de Pedro de Alcântara que Antônio Branco Lefèvre abriu seu discurso em homenagem ao grande mestre da pediatria brasileira, que acabava de falecer em agosto de 1979. "Ao fazer esta afirmação", lembrou Lefèvre, "Pedro de Alcântara não quis exorbitar sua capacidade e se supervalorizar, julgando-se superior aos demais, como diria Rousseau (no prefácio de *Emile*). Quis afirmar, sim, que quando se dispõe a escrever, o faz porque tem algo a transmitir e não simplesmente com finalidade curricular."

O que poderia soar como aproveitamento na boca de outro qualquer, para Pedro de Alcântara era apenas a demonstração de segurança do gênio, daquele que sabe e por isso não conhece a prudência, a moderação e outros valores venerados pelos inseguros, os medíocres.

Dois anos depois, em agosto de 1981, desaparecia Antônio Frederico Branco Lefèvre, o grande mestre e fundador da Neuropediatria. Relendo agora, com um ano de distanciamento, sua bela e poética homenagem ao mestre que tanto admirava, tenho a sensação de estar lendo algo escrito a respeito dele mesmo. Sim, porque Antônio Lefèvre combinava com incrível naturalidade esta segurança de quem sabe, de quem cria, com a "ousadia" de quem diz o que pensa e não teme pelas consequências de suas posições.

Antônio Branco Lefèvre foi principalmente o médico, o professor, mas também o político, o homem de letras, o militante da música erudita, o apaixonado das artes, o humanista, o pai. "Quando recordamos a vida de uma pessoa", disse ele em sua homenagem a Pedro de Alcântara, "somos levados a dar destaque a alguns aspectos com os quais mais sintonizamos e que mais nos atingiram..." Da mesma forma, quem conheceu Lefèvre o admirou; mas cada um conhece dele um aspecto, um fragmento. Talvez por esse motivo, apenas um filho se proponha traçar dele um perfil completo como homem.

Antônimo, como era chamado pelas irmãs, nasceu em São Paulo, a 6 de outubro de 1916, o quinto dos sete filhos de Eugênio Lefèvre Junior e Ana Branco Lefèvre. "Sou bisneto de um livreiro belga, que certo dia foi preso na estação ferroviária de Bruxelas, com a mala cheia de um livro considerado altamente subversivo, *Napoleão le Petit*, de autoria de um perigoso escritor, Victor Hugo", gostava de lembrar Antônimo, acrescentando que talvez tivesse herdado dele sua curiosidade pelos livros, pelas idéias, pela política que o intrigava desde menino.

"Lembro-me bem destes dias", contava Lefèvre sobre a revolução de 1924, "em que, à falta de TV e mesmo radiodifusão, a fonte de informação das famílias era a janela de frente das casas, aberta para o mundo. Lembro-me de minha mãe, arrancando da janela um garoto já curioso para as coisas políticas, que assistia correrias e tiros em plena Rua Augusta, onde morávamos".

As revoluções de 30 e 32 o jovem Lefèvre assistiria de trás dos muros do colégio São Luiz. Da educação jesuítica, o brilhante aluno tirou como maior ensinamento uma apaixonada curiosidade pela verdade científica, o desprezo pelos dogmas, e uma irônica desconfiança da "caridade cristã" daqueles que gravitavam em torno dos poderosos.

Desta época datam três de seus grandes amigos, o futuro desembargador Luis Carlos Coelho, o futuro embaixador Lauro Escorial de Moraes e o futuro psiquiatra Paulo Gonzaga Arruda, único a acompanhá-lo na carreira médica que escolheu então por parecer-lhe a que melhor daria a oportunidade de pôr em prática conjuntamente a sua paixão pela ciência e pela social.

Nos primeiros anos como aluno da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Lefèvre encontrou o clima de respeito à inteligência, à ciência com que sonhava e, já no quarto ano, uma vocação, a Neurologia. "Sob a direção dos professores Adherbal Toisa e Oswaldo Lange aprendi a procurar compreender os mistérios do sistema nervoso através de uma metodologia em que as normas do racionalismo científico estão permanentemente presentes", escreveria ele mais tarde. A objetividade científica que oferece o raciocínio neurológico havia seduzido o jovem Lefèvre, que passou a frequentar a Clínica Neurológica como adido-estudante.

"Esta decisão, que poderia parecer precipitada, do então quartanista de medicina, mostrou posteriormente corresponder a uma vocação precocemente definida, uma vez que nunca mais me afastei desta Clínica, onde recebi toda minha formação de especialista", concluiu ele.

Formado em 1941, Lefèvre concentrou seu interesse na Neurologia Infantil, até então inexistente como especialidade. Sem dúvida, neurologistas como o prof. Ary Borges Fortes e pediatras como o prof. Martagão Gesteira dedicavam algumas aulas aos aspectos clínicos dos problemas neurológicos que interessam ao pediatra. Mas ninguém no Brasil havia-se dedicado até então ao estudo específico dos problemas neurológicos da criança e, mesmo no Exterior, este interesse apenas se esboçava. Lefèvre decidiu fazê-lo.

Logo depois de formado, de 1942 a 1943, trabalhou como médico de ambulatório na Cruzada Pró-Infância, visando adquirir prática em clínica pediátrica, pois na enfermaria anexa à Clínica Neurológica só havia pacientes adultos.

"Tivemos que enfrentar as dificuldades naturais, levando em conta que não havia semiologia especializada para a criança e os quadros clínicos de Neurologia Infantil eram ainda mal caracterizados. Sentimos então a necessidade de conhecimentos de Psicologia, que nos pareciam imprescindíveis para quem pretendiam praticar a Neurologia Infantil, pois é de todos conhecida a deficiência com que são encontradas a frequência mental e as conseqüências de comportamento nas doenças do sistema nervoso da criança."

Encontrava-se então, no Rio de Janeiro, o professor francês André Ombredane, regendo a cadeira de Psicologia na Faculdade Nacional de Filosofia. "Graças à boa vontade e ao espírito universitário do então diretor desta faculdade, prof. Santiago Dantas, consegui obter permissão para frequentar durante um único ano os cursos relativos aos três anos da cadeira."

Lefèvre passou então o ano de 1944 no Rio de Janeiro, onde, sob a orientação de Ombredane, iniciou seus estudos sobre os distúrbios de linguagem da criança, que resultariam em sua tese de doutoramento sobre a afasia em crianças, defendida em 1950. Aprovado com distinção em Psicologia, voltou a São Paulo em 1945, já decidido a desenvolver-se como especialista em Neuropediatria.

A Clínica Neurológica da FMUSP transferia-se então das antigas instalações da Santa Casa para o Hospital das Clínicas, onde, pela primeira vez no Brasil, foram reservados leitos para crianças portadoras de afecções neurológicas. Lefèvre assumiu a chefia deste novo setor de Neurologia Infantil da Clínica Neurológica, de onde iniciou intenso intercâmbio com as cadeiras de Clínica Pediátrica, do Prof. Pedro de Alcântara e Clínica Obstétrica, do Prof. Raul Briquet, no sentido de estabelecer as bases da especialidade que iniciava, a Neuropediatria.

"Julgamos que se deveria começar pela semiologia neurológica do recém-nascido, e foi no berçário da Clínica Obstétrica que a praticamos e pudemos coletar os dados que resultaram em nossa tese de docência livre, defendida também em 1950: "Contribuição para a padronização do exame neurológico do recém-nascido normal".

Até então, apenas alguns artigos esparsos na literatura médica mundial relatavam certos reflexos e sinais clínicos do recém-nascido. Mas não existiam padrões para pediatras ou neurologistas avaliarem a normalidade de uma criança sob o ponto de vista neurológico. Lefèvre acabou de criá-los.

A repercussão deste trabalho foi intensa, tanto no Brasil, quanto internacionalmente, apesar da barreira do idioma. "É uma obra monumental e eu penso que é a mais compreensiva apresentação do assunto em qualquer idioma", comentou o neurologista americano Robert Wartemberg. Mario Benvenuti (Itália), em sua "Introduzione alla Neurologia Clinica Infantile", cita esta tese 25 vezes e denomina "manobra de Branco Lefèvre" a prova utilizada para examinar a força muscular dos membros inferiores do recém-nascido, descrita no trabalho de Lefèvre. Hector Vazquez (Argentina), Raymond Garcin (França), Schmidt (Alemanha) e muitos outros autores comentaram ou citaram sua tese de docência.

Seu trabalho precedia de dois anos o livro de André Thomas sobre o exame neurológico do recém-nascido e do lactente e muito do que hoje se atribui a esse pediatra francês, na verdade Lefèvre descreveu antes.

1950 pode ser considerado, assim, como o ano da criação de uma especialidade, a Neuropediatria. Antônio Branco Lefèvre foi o seu fundador.

Além da livre-docência, Lefèvre defendeu neste mesmo ano sua tese de doutoramento, que corou os estudos sobre a linguagem que iniciara com Ombredane. A "Contribuição para o Estudo da Psicopatologia da Afasia em Crianças" teve também repercussão mundial, sendo citada por Lenneberg (Estados Unidos), Auriaguerra, Hecaen e Anguiergues (França) como um trabalho pioneiro sobre afasia em crianças.

1941-1950, anos de intensa dedicação à profissão, à ciência, haviam feito de Antônio Lefèvre um especialista, mas nem por isso um homem voltado exclusivamente para sua especialidade. Pelo contrário, o homem que se transformara no cientista Lefèvre era o mesmo que participara do 1º Congresso dos Estudantes de Medicina de São Paulo, em 1940, que fora escolhido orador de sua turma em 1941 e participara intensamente do movimento sindical da classe médica nos anos seguintes. Era o mesmo também que frequentava assiduamente os (poucos) concertos e teatros daquela São Paulo dos anos 40, que devorava todos os livros que lhe caíam nas mãos.

Seu grande círculo de amizades revelava a amplitude do seu interesse, a abertura do seu espírito. "Lembro uma revista de moços, na qual estivemos juntos, ele como crítico musical competente e severo, duro com os inovadores, sempre disposto a lutar por melhorias", recorda Antônio Cândido. Era a revista "Clima", inaugurada na seção de música, ao lado de outros jovens e brilhantes intelectuais, como Lourival Gomes Machado (artes plásticas), Paulo Emílio Salles Gomes (cinema), Rui Coelho (filosofia), Délio Almeida Prado (teatro), Roberto Pinto de Souza (economia), Marcelo Dany de Souza Santos (ciência), o próprio Antônio Cândido (literatura) e a encantadora figura de Alfredo Mesquita (teatro), em cuja simpática Livraria Jaraguá, à Rua Marconi, reunia-se a redação e outros amigos que Antônio Cândido gosta de chamar de "geração clima".

"Lefèvre gostava de investigar livremente em muitos campos. No da música, por exemplo, defendeu com paixão um Pierrot Lunaire ou a Sagração da Primavera (de Stravinsky), quando um estreito provincianismo musical prevalecia ainda em certos meios de nossa cidade", recorda outro de seus amigos de então, Alberto Soares de Almeida, atual diretor da Sociedade de Cultura Artística. Nos anos 50, Lefèvre e seus amigos Flínio Cardoso, Reinaldo Chiaverini e José Rosenberg organizam o "Clube Prokofiev", círculo de intelectuais que se reunia para ouvir e falar de música. Das sessões musicais participam Alvaro Bittencourt, Alfredo Rosenthal, José Eduardo Fernandes, Julio Gouveia, Tatiana Belinky e muitos outros.

"Comigo o seu assunto preferido eram os livros e isso vinha de longe, dos tempos distantes em que, estudantes, nos delatávamos com Virginia Wolff e Aldous Huxley, já sem falar dos russos, os Dostoevsky e Tolstói de todos nós", relembra a teatróloga Tatiana Belinky. "Tinhamos uma espécie de brincadeira: Lefèvre me falava do último russo que lera (em francês), querendo me "pegar" não tendo lido ainda. Mas, geralmente, eu já havia lido em russo e Lefèvre achava graça nisso... Inteligência privilegiada, fina sensibilidade, profundo senso social e humano, bem como vivacidade e senso do humor, faziam de Antônimo um interlocutor tão instigante quanto encantador. Era atento tanto à forma quanto ao conteúdo da literatura, tão interessado pelo estilo quanto pelo teor histórico, ou a linha política ou ideológica de um livro, que analisava com agudez, às vezes severa, outras irônica, ou bem-humorada, sempre coerente com as suas posturas filosóficas, mas livre de preconceitos, aberto e receptivo."

Lefèvre, em primeiro lugar o homem de ciências, mas também o homem de cultura, o homem político, naturalmente inclinou-se para a esquerda naquele pós-guerra em que a inteligência viu na União Soviética vitoriosa contra o nazismo a alternativa para a pobreza, a injustiça, a irracionalidade do Ocidente e particularmente a irracionalidade subdesenvolvida do nosso país. Entretanto, sua integridade intelectual não permitia a coexistência com as distorções stalinistas daquele

socialismo em que acreditava e que ficaram particularmente patentes em 1956, após o XX Congresso do PCUS.

Lefèvre guiou-se exclusivamente por sua consciência, assumindo posições públicas sobre todos os problemas da classe médica, fazendo denúncias explosivas à imprensa sobre os graves efeitos da desnutrição no desenvolvimento do sistema nervoso da criança. "Lembro a firmeza de suas convicções ideológicas, diz Antônio Cândido, "as posições que assumiu no domínio social da medicina, denunciando a farsa sinistra dos medicamentos controlados pelas multinacionais, criticando de maneira incisiva as deformações da assistência ao povo. Não há dúvida que em Lefèvre tudo confirmava um traçado de rara integridade."

Naturalmente, a integridade, nas situações de crise, tem o seu preço. Em 1964, após o golpe, Lefèvre foi incluído no IPM instaurado para reprimir a "subversão" na Faculdade de Medicina e no Hospital das Clínicas da USP. Nas várias sessões de interrogatório, evidenciou-se a impossibilidade de condená-lo por qualquer delito que não fosse o "crime ideológico", ou seja, a própria integridade de suas convicções.

Lefèvre, nesta altura, já era um mestre, tendo transformado a Seção de Neuropediatria num centro de ensino ao qual acorriam estagiários médicos e estudantes de todo Brasil. Sua competência, sua seriedade, faziam-no respeitado até mesmo pelos que em nada afinavam com suas idéias. "Pelo valor de sua personalidade, pela sua ação vigorosa, constante e pertinente, Lefèvre fez-se lentamente, fez-se grande", diria o prof. Mário Ramos de Oliveira, atual diretor da FMUSP.

Em 1968, Lefèvre prestou concurso para o cargo recém-criado de professor de Disciplina Clínica Neurológica Infantil, do Departamento de Neurologia. A comissão examinadora, após analisar seu currículo e aprova-lo com distinção, ressaltou a magnitude dos trabalhos publicados, enalteceu sua intensa atividade didática e declarou ter ficado comprovada "a extensão e o relevo da Escola de Neuropediatria da qual é o legítimo fundador".

O cargo de professor de Disciplina, posteriormente extinto, foi substituído pelo de professor Adjunto. Em 1972, quando apresentou seu memorial para o novo concurso, Lefèvre registrava impressionantes números sobre suas atividades. Além dos cursos de graduação que ministrava na FMUSP, já tinha 84 trabalhos científicos publicados, havia dado 38 cursos de aperfeiçoamento para médicos, 119 palestras e conferências, participara de 24 bancas examinadoras e 33 congressos. Havia realizado, com B.J. Duarte, dois filmes didáticos, o "Exame Neurológico do Recém-Nascido", já projetado centenas de vezes em faculdades e hospitais brasileiros e "Três Síndromes Neuropsiquiátricas", cujo roteiro e direção de Lefèvre foram premiados no 6º Festival Internacional de Cinema Médico, realizado em Natz, França, em 1971. Havia fundado e era diretor clínico da Associação Cruz Verde, o primeiro hospital do Brasil exclusivamente dedicado a crianças com paralisia cerebral irreversível. E havia sido um pioneiro da introdução das vacinas Salk e Sabin contra a poliomielite no Brasil.

Nesta altura, um grande número de médicos pediatras e neurologistas em todo país, já havia se especializado em Neurologia Infantil sob a orientação de Lefèvre. Muitos deles já praticavam e ensinavam a nova especialidade em seus locais de origem. "São hoje pontos os centros universitários do Brasil onde não exista alguém ensinando com base no aprendizado na Neuropediatria da FMUSP", lembrava Lefèvre. Em vários países da América Latina também já se encontravam discípulos da sua escola.

Lefèvre fazia questão de afirmar que sua formação havia sido inteiramente realizada no Brasil, na escola insuperável que é a Clínica Neurológica da FMUSP. Evidentemente, participara de numerosos congressos internacionais e visitara os centros em que se pratica a Neurologia Infantil na Europa, Estados Unidos e América Latina, estabelecendo valiosos contatos e ganhando a confiança e o respeito dos especialistas em todo o mundo.

Reconhecido mundialmente como pioneiro da Neuropediatria, Lefèvre participou ativamente da organização da International Child Neurology Association e da Sociedade Latino-Americana de Neurologia Infantil, das quais foi membro fundador e primeiro vice-presidente. Foi também o fundador e primeiro presidente da Associação Brasileira de Neuropsiquiatria Infantil.

O grande projeto científico de Antônio Lefèvre era a sistematização do exame neurológico da criança normal no Brasil. Após sua tese sobre o recém-nascido, pretendia prosseguir o exame da criança, evolutivamente. "Por incrível que pareça", comentava ele, "inúmeros especialistas praticam a Neurologia Infantil, seja clinicando, seja pesquisando, sem ter um padrão aceitável de desenvolvimento das funções torácicas e sensitivo-sensoriais. Torna-se impossível decidir se determinado achado de exame corresponde ao normal, esperando para a idade, ou se está fora dos padrões de normalidade..."

Por inspiração de Lefèvre, seu discípulo Aron Diamant realizou o exame evolutivo do lactente normal, mes a mes. E foi a partir deste exame que nasceram os critérios para a pesquisa mais ampla, realizada por uma equipe de neurologistas infantis, sob a direção de Lefèvre, que sistematizou o exame neurológico evolutivo da criança pré-escolar normal de 3 a 7 anos. O resultado desta pesquisa foi publicado em livro sob o título "O Exame Neurológico Evolutivo do Pré-Escolar" (Editora Sarvier, 1972), obra que Lefèvre considerou como seu mais importante trabalho produzido até então.

O livro teve repercussão mundial. "Nada igual foi escrito até agora... Esta obra fica definitivamente integrada à literatura neuropediátrica como texto de consulta" (Vasquez, Buenos Aires). "Seu livro tem o mérito raro de ser útil porque traz medidas" (Bergès, Paris). "É um dos melhores textos sobre o exame da criança" (Ingra, Edinburg).

Em 1975 Lefèvre publica pela mesma editora outro livro, "Distúrbio Cerebral Mínimo", em que descreve os chamados "sinais menores" apresentados por crianças, que escapavam através das malhas da semiologia tradicional e que agora se tornava possível identificar por meio do exame neurológico evolutivo.

E a partir de 1976 sua escola prossegue na sistematização e quantificação do restante do exame neurológico da criança normal (8 a 10 anos e 15 a 33 meses).

No auge de sua carreira, Lefèvre dividia seu tempo entre as atividades didáticas e de pesquisa, sua clínica particular, sempre muito concorrida, as viagens, que o apaixonavam, e os livros e a música, seus eternos companheiros. Pai de três filhos: que o admiravam, já nesta altura tinha vários netos.

Em setembro de 1975, em plena época negra do governo Geisel, ressurgiu a caça às bruxas e Lefèvre é "procurado" no hospital das Clínicas por um tropa de choque armada de metralhadoras que o "convida" a visitar a famigerada Oban. Na rua Tutóia, retiram-lhe o cinto, como era costume, para que, humilhado, respondesse ao interrogatório segurando as calças. Acusado de atender em seu consultório, sem cobrar, militantes comunistas, é acareado com um esquadrão prisioneiro que, num gesto de quem precisava explicar por que Lefèvre se encontrava ali, levantou discretamente a manga de sua camisa e mostrou as marcas da tortura em seu braço... Tivera que citar nomes, disse ele, citara os que conhecia e que a polícia certamente também conhecia...

Mais uma vez nada se prova de concreto contra Lefèvre, a não ser o crime de sua integridade. Um mês depois, no mesmo local, morria Vladimir Herzog que, oficialmente se teria suicidado com o cinto que tão cuidadosamente costumavam retirar dos presos logo à entrada...

O ano de 1976 traz a Lefèvre a consagração. Reconhecendo formalmente a especialidade criada por ele, a Faculdade de Medicina da USP abre o primeiro concurso de professor titular de Neuropediatria numa universidade brasileira. Em 1977, Lefèvre "tomou-se este professor, com a naturalidade e a segurança de um rio que corre para o mar", escreveu o professor Carvalho Ribas sobre o concurso.

Agora professor titular, presidente da Associação Latino-Americana de Neurologia Infantil, Lefèvre exerce natural liderança na Congregação da FMUSP, tomando posição em todos os problemas de interesse médico-social. Em 1979, como candidato oposicionista à presidência da Associação Paulista de Medicina, declarava: "Ainda posso praticar a medicina liberal, que permite ao cliente a escolha do médico. Mas a medicina liberal está desaparecendo, porque poucas pessoas podem pagar pela escolha do médico. De profissional liberal, o médico está-se tornando um assalariado de empresas que prestam serviços à maioria da população". Entretanto, apesar de considerar-se a si mesmo como um privilegiado da Medicina, Lefèvre não hesitava em fechar seu movimentado consultório em solidariedade aos médicos assalariados em greve.

Lefèvre foi derrotado por uma pequena margem de votos, por meio de uma série de artifícios, que incluíam a impugnação das principais urnas, onde sua chapa tinha maioria. Mas a derrota "eleitoral" só realçou sua disposição de luta. Ainda em 1979, fazia uma observação contundente a respeito da situação em que se encontrava o Hospital das Clínicas na administração Paulo Maluf. "É uma contradição", dizia ele, "Maluf me obriga a ter saudades de Adhemar, Porfírio e Jânio, que nada deixavam faltar ao hospital. De todos os governos paulistas, só o de Maluf negou verbas ao HC, permitindo que uma crônica crise financeira evolua para a agonia final da instituição. Vejo médicos desesperados com mortes de doentes, por falta de recursos mínimos no HC..."

Sua atividade científica prosseguia incessantemente. Lefèvre criara uma escola. Os especialistas por ele formados constituem a Sociedade dos Discípulos de Antônio Lefèvre, a primeira do gênero no Brasil. Aron Diamant, seu presidente, organiza junto com Lefèvre a edição do livro "Neurologia Infantil" (Sarvier, 1980), que se torna o manual da especialidade no Brasil. A obra recebeu o prêmio Jaboti, da Câmara Brasileira do Livro, como o livro de melhor conteúdo na área de Ciências Naturais publicado no Brasil em 1980.

Aos 64 anos de idade, Lefèvre, incansável, relutava em admitir que pudesse lhe faltar energia para tudo aquilo que sua inteligência ainda desejava realizar. Em junho de 1981, reunia em São Paulo a quase totalidade dos 55 neuropediatras que formam a Sociedade dos seus discípulos. Faziam-lhe forças para presidir a reunião, mas vai até o fim. Na semana seguinte apresentava-se no Hospital das Clínicas, pela primeira vez em sua vida como paciente, para uma cirurgia cardíaca. A operação é bem-sucedida, mas Lefèvre não resiste ao pós-operatório e vem a falecer em 20 de agosto.

"Foi uma perda extraordinária para a medicina brasileira, porque o professor Antônio Branco Lefèvre foi o verdadeiro criador de uma especialidade, a Neuropediatria", declarou o dr. Roberto Meiragno Filho, diretor do Serviço de Neurologia do Hospital do Servidor Público Estadual, realizando o Lefèvre médico. "Era um homem completo em todos os sentidos, sob o ponto de vista científico, profissional, didático e pessoal", concluiu.

E Gabriel Oseika, presidente do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo, realçando o Lefèvre político: "Muitos de nós perdemos um amigo, a classe médica perde um líder e toda a sociedade perde um verdadeiro homem".

Lefèvre, homem de ciência, homem da cultura, homem político, pai. Homem de profunda humanidade, sem sentimentalismo, como tão bem observou Antônio Cândido. Um humanista, sem dúvida, mas principalmente um homem que não cedea ao romantismo e a hipocrisia social de tantos populismos, "leigos" ou "cristãos", que aprendem desde cedo a repugnar em favor deste racionalismo radical de quem tem consciência que as grandes transformações só podem ocorrer no domínio do político.

Cidades e Serviços

ECT conquista pela 2ª vez prêmio internacional

A Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos acaba de ganhar, pela segunda vez, o Prêmio Internacional Asiago de Arte e Turismo na Filatelia que, anualmente, é entregue na cidade italiana do mesmo nome, ao país que se destaca com o melhor selo em cada uma das três categorias: arte, turismo e ecologia.

Esse prêmio é considerado o "Oscar Mundial da Filatelia" e a ECT foi distinguida com o primeiro lugar na Classe Turismo com a Série Folclore — Folgoços e Bailados, lançada em 22 de agosto de 1981. Os três selos — Caboclinhos, Marujada e Reisado — foram felios por Jô Oliveira, artista plástico de renome internacional radicado em Brasília.

O diretor das Áreas de Serviços Gerais e Suprimento, José Mattos dos Santos, representará a ECT na solenidade de entrega do prêmio, que está marcada para o dia 25 do corrente, às 11 horas, na Sala dos Quadros da Prefeitura de Asiago — Itália.

Em 1974, a ECT também conquistou o primeiro lugar, nas na Classe Arte Filatélica, com o selo "Imprensa" da Série Comunicações, de autoria do desenhista Aulísio Carvão.

por Mario Alvarado e da qual Lefèvre foi colaborador permanente...